

CARTA PASTORAL - 2016

*Dom Milton Renan Júnior*

MISERICORDIOSOS COMO O PAI



**Diocese de Barretos**

CNBB - REGIONAL SUL 1

## **Carta Pastoral**

### **“MISERICORDIOSOS COMO O PAI”**

Estamos no coração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia convocado pelo Papa Francisco na comemoração dos 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano III! Tendo iniciado na solenidade da Imaculada Conceição, aos 08 de dezembro de 2015, ele se concluirá na solenidade de nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do universo, aos 20 de novembro deste ano.

Com o desejo de que todos, pastores e fiéis da Diocese de Barretos, vivamos com intensidade este tempo de graça e salvação que o Ano Santo permite realizar, escrevo-lhes minha segunda Carta Pastoral, com o tema “Misericordiosos como o Pai”, esperando colaborar para que possamos, como porção do Povo de Deus, ser testemunhas da Misericórdia de Deus como Igreja!

Antes de tudo, creio que é providencial o fato de que estejamos desde o final do ano passado, no processo de planejamento pastoral, tendo em vista o 3º Plano Diocesano de Pastoral, fruto das Assembleias Paroquiais a realizar-se entre os próximos meses de junho e julho e da Assembleia Diocesana de Pastoral prevista para o dia 07 de setembro deste ano.

O lema “Misericordiosos como o Pai”, escolhido pelo Papa Francisco para o Ano Santo, serve como inspiração para nosso processo de planejamento pastoral, por se tratar da indicação mais importante para vivermos com intensidade este jubileu, pois nos remete à palavra de Jesus que concentra o espírito que deve animar a vida de toda Igreja e quer ser fiel ao Evangelho no nosso tempo: “Sede misericordiosos como o vosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 5, 36).

O Papa Francisco, referindo-se a escolha deste lema, afirma: “Misericordiosos como o Pai é, pois, o ‘lema’ do Ano Santo. Na misericórdia, temos a prova de como Deus ama. Ele dá tudo de si mesmo, para sempre, gratuitamente e sem pedir nada em troca. Vem em nosso auxílio, quando o invocamos (...). Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos também nós tornar-nos compassivos para com todos” (MV, 14).

#### **1. A parábola da misericórdia**

Entre as parábolas narradas por Jesus, não erramos se afirmamos que a parábola contida no capítulo 15 do evangelho de Lucas é a mais sublime, pois encerra em si o coração do Evangelho.

Jesus conta a parábola da ovelha perdida (cf. Lc 15,4-7), da dracma perdida (cf. Lc 15, 8-10) e do pai misericordioso (cf. Lc 15, 11-32) para rebater a murmuração dos fariseus e dos escribas que se escandalizavam pelo fato de Ele acolher os pecadores e comer com eles (cf. Lc 15, 1-3).

Podemos imaginar o desconforto dos fariseus e escribas, que dedicaram toda a vida ao cumprimento da Lei de Moisés, quando veem que Jesus os trata da mesma forma como aos publicanos e pecadores, aqueles que infringiam a Lei e eram considerados por ela impuros e por isso condenados pelo Senhor!

O Papa Francisco comentando esta parábola diz: “Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia. Conhecemos estas parábolas, três em especial: a da ovelha extraviada e a da moeda perdida, e a do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15,1-32). Nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão” (MV, 9).

Sobretudo, quando se refere ao pai que sofre a partida do filho mais jovem, que usurpa parte dos seus bens, e, ao mesmo tempo, lamenta a dureza do filho mais velho que indignado recusa acolher o irmão mais jovem “que estava morto e tornou a viver, ele estava perdido e foi reencontrado” (Lc 15,32), Jesus deseja convencer não só o auditório que o escuta, mas também a nós, de que aquele pai é extraordinário.

De fato, o personagem mais importante de toda parábola é o pai que “teve compaixão”. Este pai ultrapassa toda medida e rompe com todo limite não só quando permite que o filho mais jovem se distancie dele, depois de lhe ter usurpado a “parte da herança”, mas quando o contempla no horizonte retornando para casa humilhado ao extremo, tendo perdido todos os seus bens com uma vida devassa.

O pai da parábola age como se fosse vítima de um desvario. Entre os judeus aqueles que exerciam qualquer tipo de autoridade não deviam correr em público, pois agindo assim eles se expunham ao desprezo e corriam o risco de comprometer a sua honra. Aquele pai ignora as normas, é ele que toma a iniciativa, e sai em disparada para acolher o filho que volta para casa; é ele também que sai para encontrar o filho mais velho a fim de convencê-lo da necessidade de alegrar-se com o seu irmão que voltou para casa depois de uma aventura perigosa, cheia de tantos riscos.

Este pai chega ao excesso da ternura. Não espera sequer que o filho termine a sua confissão e o cobre de beijos; tem pressa em restituir ao filho tudo aquilo que ele perdeu: sua condição de herdeiro (melhor túnica), a sua autoridade (anel), sua liberdade agora recuperada sã e salva (sandália); e, como isso não bastasse, manda que matem o novilho cevado para festejarem a volta deste filho que estava perdido e foi reencontrado (cf. Lc 15,20-24).

Para Jesus este pai representa o Pai celeste que se alegra quando recupera um filho perdido, quando reencontra aquele ou aquela que inebriado pelo anseio de felicidade se distancia do Pai, com a pretensão de que longe dele pode ser feliz e realizado, tornando-se vítima da embriaguez que gera o egoísmo e a busca de si mesmo. Quando lê estas parábolas e as interpreta, o Papa Francisco não hesita em afirmar que “nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão” (*Misericordiae Vultus*, 9).

Os dois filhos, personagens da parábola, não conhecem o Pai que têm. Eles o tratam como severo patrão e ignoram a grandeza do seu coração. Eles não se dão conta de que este pai vive por eles, que a alegria dele é a vida dos seus filhos e, que

por eles está disposto a perder tudo, desde que eles se deixem convencer pelo seu amor. Por meio deles, o evangelista nos faz ver que paternidade e fraternidade sempre se conjugam. Se o filho mais jovem teve tanta dificuldade para se relacionar com o pai, o filho mais velho teve por sua vez dificuldade para aceitar o seu irmão.

Paternidade e fraternidade são duas realidades intimamente unidas entre si; elas se exigem, elas correspondem uma a outra. Viveremos bem nossa condição de filhos, se soubermos reconhecer nos outros nossos irmãos e irmãs; mas o contrário também é verdadeiro, seremos capazes de ver os outros como nossos irmãos e irmãs, se consideramos que temos um único e mesmo Pai. Mais do que nunca a Igreja hoje deve ser um espaço onde as pessoas não só façam a experiência do amor do Pai, mas aprendam a viver como irmãos e irmãs uns dos outros.

Como seria importante que na leitura desta parábola e na compreensão da sua mensagem fossemos levados não só a reconhecer a grandeza do amor por nós, mas ao mesmo tempo, o compromisso de sermos uma grande família onde cada um se sente responsável pelo outro, no esforço de viverem todos como irmãos e irmãs:

“A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. E, em sintonia com isto, se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros” (*Misericordiae Vultus*, n.9).

## **2. A casa da misericórdia**

A partir da compreensão da parábola da misericórdia (Lc 15) não nos é difícil compreender que a Igreja é destinada a ser no mundo a casa da misericórdia, cujas portas sempre abertas estão sempre prontas para acolher todo tipo de filhos, a fim de levá-los a experimentar a ternura e a misericórdia do Pai!

“A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja «vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia»” (MV 10).

Entre as indicações que o Papa Francisco dá à Igreja para a realização do seu ideal de misericórdia, ele propõe: as obras de misericórdia corporais e espirituais e a redescoberta do sacramento do perdão.

As obras de misericórdia são ao todo 14, distinguindo-se entre as corporais e as espirituais. As corporais são: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, visitar os enfermos, visitar os encarcerados, sepultar os mortos. As espirituais são: aconselhar os duvidosos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas incômodas, rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

“O Evangelho é o livro da misericórdia de Deus, que havemos de ler e reler, porque tudo o que Jesus disse e fez é expressão da misericórdia do Pai. Nem tudo, porém, foi escrito; o Evangelho da misericórdia permanece *um livro aberto*, onde se há de continuar a escrever os sinais dos discípulos de Cristo, gestos concretos de amor, que são o melhor testemunho da misericórdia. Todos somos chamados a tornar-nos escritores vivos do Evangelho, portadores da Boa Nova a cada homem e mulher de hoje. Podemos fazê-lo praticando as obras corporais e espirituais de misericórdia, que são *o estilo de vida do cristão*. Através destes gestos simples e vigorosos, mesmo se por vezes invisíveis, podemos visitar aqueles que passam necessidade, levando a ternura e a consolação de Deus” (Homilia Missa Divina Misericórdia, 3-04-16).

Não erramos se afirmamos que damos à Igreja uma feição misericordiosa quando individual e comunitariamente nos aplicamos a realizar as obras de misericórdia corporais e espirituais. Nenhum de nós, portanto, está dispensado da vivência da misericórdia; e, a misericórdia do Pai se tornará visível em nossas vidas quando nos esforçamos por traduzi-las nos nossos gestos de amor, na maioria das vezes invisíveis, como afirma o papa.

A experiência da misericórdia exige de nós o esforço e o testemunho em vivê-la no *sacramento da Reconciliação*! No sacramento do perdão de Deus poderemos “tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia”; ele será “para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior” (MV 17).

“Todos temos necessidade do sacramento do perdão, da reconciliação, do abraço do Pai! Se você não for capaz de falar sobre seus erros com o seu irmão – afirma Francisco na obra ‘O nome de Deus é misericórdia’ – pode estar certo que não será capaz de falar com Deus, e assim acabará por se confessar com o espelho, diante de si mesmo. Somos seres sociais, e o perdão tem também um lado social, porque a humanidade, os meus irmãos e minhas irmãs, a sociedade, também são feridos pelo meu pecado” (*O nome de Deus é Misericórdia*, p. 51-52).

Se consideramos a conduta do filho mais jovem da parábola que ao usurpar a sua parte da herança partiu para uma região longínqua, a fim de dissipar seus bens numa vida devassa, compreendemos que o pecado é sempre uma ruptura, é o rompimento de uma relação de amor.

O filho não pecou porque dissipou ou porque foi um dissoluto, ou porque se divertiu – estas continuam sendo ações condenáveis e inaceitáveis moralmente – mas, no contexto da parábola, o seu pecado consiste em não ter conhecido o Pai, tê-lo usado inescrupulosamente e ter interrompido a relação de amor entre eles. O pecado não é somente “algo” que se pratica, mas a relação fraturada entre os irmãos e, portanto, com Deus. Não por caso Jesus reduziu toda a Lei em um só mandamento com um duplo resultado: o amor incondicional a Deus que se manifesta e se vive no amor sem limites pelo irmão (cf. Mt 22,40 e 18,22).

Pecar é sempre rejeitar Jesus Cristo como critério de vida: o seu modo de pensar, viver, relacionar-se, servir, falar, morrer, torna-se o critério do estilo de vida do crente que é a fé. O contrário disso tudo é o pecado. Daí a necessidade do sacramento do perdão, para que possamos no abraço da misericórdia, voltar à relação

amorosa com o Pai que nos espera e está sempre pronto a perdoar a nossa culpa, afogando-a na sua misericórdia.

### **3. Usar de misericórdia**

Não podemos deixar de nos referir à parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 29-37), se queremos compreender as implicações que a misericórdia deve ter em nossa vida pessoal e comunitária! Creio que não erramos se consideramos que as duas parábolas se completam, se correspondem! As imagens do pai da misericórdia e do bom samaritano revelam a mesma verdade e nos transmitem a mesma lição.

O doutor da lei quando interpela Jesus perguntando: “E quem é meu próximo?” (Lc 10,29) coloca Jesus diante do risco de fazer da sua resposta um discurso com argumentos teóricos, sem implicação na vida. Jesus, no entanto, responde ao doutor da Lei situando o próximo, dando ao próximo uma feição concreta, localizada no tempo e no espaço.

Ao responder, Jesus ultrapassa os critérios do doutor da Lei para quem o estrangeiro e, sobretudo, os samaritanos, eram considerados como escória da humanidade, como gente de segunda categoria, a quem se tratava com desprezo. Jesus, entretanto, serve-se de um samaritano para dizer ao doutor da Lei que o mais importante não é saber quem é o próximo, mas de quem nós nos tornamos próximos.

A estrada que ligava Jericó a Jerusalém, no tempo de Jesus, pela sua topografia acidentada era intitulada “a estrada da morte”, por se tratar de um local propício às emboscadas, lugar favorito dos assaltantes que se escondendo nas ribanceiras e aproveitando-se das curvas, encontravam ali as vítimas ideais para a sua empresa.

Muitos se perguntam por que razão o sacerdote e o levita não pararam diante daquele pobre homem abandonado à beira do caminho. A resposta mais certa é de que eles tiveram medo. Certamente se perguntaram se nós nos detivermos para socorrer este homem, o que poderá nos acontecer? Enquanto que o samaritano se perguntou: “Se eu não o ajudar, o que poderá lhe acontecer?”.

A bondade do samaritano ultrapassa toda a medida, ela vai além do que se exigiria de alguém tratando-se de socorrer o próximo. Ele cuida das feridas com as suas próprias mãos derramando nelas óleo e vinho. Não se dando por satisfeito, ele o coloca sobre a sua cavalgadura e o conduz a hospedaria mais próxima para que cuidassem dele, pagando-lhes as despesas e prometendo ressarcir-lhes o que for gasto a mais.

Jesus conclui a parábola perguntando e afirmando algo extraordinário ao doutor da Lei: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu na mão dos assaltantes? Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Jesus então lhe disse: Vai, e também tu, fazes o mesmo” (Lc 10, 35-37).

Não são poucas as realidades onde encontramos pessoas na mesma condição daquele homem abandonado à beira do caminho: são homens e mulheres marcados pela miséria, pela exclusão social, pela doença, pela solidão; jovens vítimas das

drogas ou que enveredam-se pelo caminho da violência, idosos desassistidos em condições bastante degradantes, pais e mães desempregados...

Não foram poucas as vezes que o Papa Francisco tem chamado a atenção da Igreja à tentação da indiferença, como se a sorte dos que sofrem não nos dissesse respeito. Convenhamos que muitas vezes nos contentamos com nossa pastoral do dia-a-dia confortados porque na Igreja tem aqueles que assistem aos necessitados, como se isso nos desincumbisse da responsabilidade de socorrer os que batem às nossas portas para pedir ajuda.

O exemplo do samaritano nos interpela. Ele não vai em busca de quem poderia socorrer aqueles pobre necessitado, mas ele próprio cuida dele com as suas próprias mãos; e, não contentando-se com os primeiros socorros, aí sim, vai a procura de alguém que possa completar aquilo que faltou aos recursos que dispunha. Será que a prática da misericórdia e a vivência do amor, no dia a dia de nossas comunidades, no nosso trabalho evangelizador, não merecem da nossa parte a mesma preocupação que dispensamos com as outras dimensões da evangelização?

O Papa Emérito Bento XVI, em sua primeira encíclica DEUS CARITAS EST (Deus é Amor) afirma que a caridade é dever da Igreja: “O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais nada, para cada um dos fiéis, mas é o também para a comunidade eclesial inteira, e isso em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal em sua globalidade” (Deus Caritas Est , n.20).

Poderíamos nos perguntar quanto tempo dispensamos para atender os pobres e necessitados de nossas comunidades? O que destinamos para o atendimento dos jovens carentes, dos enfermos, dos que perambulam pelas ruas sem teto e sem destino? Como organizamos em nossas comunidades o atendimento àqueles e àquelas que buscam em nossas Igrejas acolhida, atenção e ajuda?

“Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos -, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia” (MV 12).

#### **4. Misericórdia e planejamento pastoral**

No início desta carta eu dizia da ação providencial de Deus que permitiu que iniciássemos o processo de planejamento pastoral de nossa diocese, e o realizássemos durante o Jubileu da Misericórdia!

Durante os próximos meses acontecerá em todas as paróquias a Assembleia Paroquial de Pastoral quando cada comunidade paroquial vai definir as urgências a partir das Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil e, destacarão uma delas como “emergência”, para sua ação pastoral durante os próximos quatro anos. Na oração que recitamos em preparação para a Assembléia Diocesana, quando serão definidas as linhas de ação da Diocese pedimos a Deus que: “Sob a luz do teu Santo Espírito, queremos ser testemunhas da misericórdia como Igreja...”.

Se consideramos com atenção a relação que a misericórdia tem com as urgências pastorais veremos o quanto a misericórdia poderá se tornar inspiração para a realização de cada uma das urgências:

No que diz respeito à Igreja em estado permanente de missão, a misericórdia nos ajuda a nos tornarmos uma “Igreja em saída”, que vai “a procura” daqueles que estão feridos para oferecer-lhes não só uma palavra que salva, mas um gesto de amor que consola e anima.

“Toda a sua ação pastoral [da Igreja] deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (MV 10).

A vida da “Igreja: comunidade de comunidades” torna-se com a ação misericordiosa de todos, um espaço onde cada um é acolhido e respeitado, onde os dons colocados em comum tornam a vida da Igreja um sinal do Reino anunciado por Jesus onde todos vivam como filhos de um mesmo Pai e irmãos e irmãs uns dos outros.

“A misericórdia é o coração de Deus. Por isso deve ser também o coração de todos aqueles que se reconhecem membros da única grande família dos seus filhos; um coração que bate forte onde quer que esteja em jogo a dignidade humana, reflexo do rosto de Deus nas suas criaturas... (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial da Paz 2016)

Ser “Igreja: casa da iniciação cristã” à luz da misericórdia é comprometer-se por viver a fé e o amor sempre em profunda sintonia. A fé madura se traduz sempre em obras, pois como diz o Apóstolo S. Tiago: “a fé sem obras é morta” (cf. 2, 14-18). As obras da fé não se limitam à caridade, mas encontram no amor a sua expressão máxima e mais perfeita.

“No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia” (MV 12).

A Igreja “lugar da animação bíblica da vida e da pastoral” encontra na misericórdia o grande impulso para ao retornar às fontes da Palavra de Deus, descobrir aí a exigências do amor misericordioso que se debruça sobre os pobres e necessitados a fim de levar-lhes sempre a salvação que gera esperança e vida.

“Na Sagrada Escritura, como se vê, a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias” (MV 9).

Finalmente, “a Igreja à serviço da vida plena para todos” encontra na parábola do bom samaritano a luz que a anima a debruçar, socorrer, aliviar e confortar; mas, ao

mesmo tempo conscientizar, organizar, animar aqueles que são vítimas das injustiças e, somente na união das suas forças poderão transformar a realidade que os oprime.

“Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-las a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo” (MV 15).

## 5. Indicações pastorais

Qual o fruto que podemos esperar da celebração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia?

Não são poucas as indicações que nos ajudam a ser uma Igreja samaritana, misericordiosa, como não são poucos os espaços onde podemos fazer brilhar a misericórdia de Deus!

O fruto mais precioso que a celebração do Jubileu pode produzir entre nós, enquanto Igreja, será tornar a Misericórdia uma das ações transversais de nossa ação pastoral e evangelizadora. A partir da experiência da misericórdia de Deus nos comprometemos por ser uma Igreja samaritana, repleta de misericórdia!

Na avaliação da nossa ação pastoral destes últimos anos, alguns elementos se destacaram chamando-nos à conversão pastoral. Eles são um ótimo meio para revermos nosso trabalho evangelizador, agora comprometido com a vivência da misericórdia.

Em primeiro lugar falamos de continuidade: necessidade de levarmos em conta a caminhada feita entre nós e, procurarmos nos inserir nela dando continuidade ao que já foi realizado; de adesão: abertura ao novo, ao diferente, ao risco, sabendo que toda mudança por mais difícil que seja, se acolhida com boa vontade, produz sempre bons frutos; de formação contínua e permanente: que garanta aos agentes de pastoral atualização para poder dar as razões da própria esperança e capacidade de enfrentar os novos desafios que interpelam a fé e o amor; de espiritualidade (mística): que a semelhança do orvalho da noite mantém a relva verdejante apesar da seca ou do frio; de acompanhamento: que permite acompanhar o crescimento e o amadurecimento da fé e das suas obras; de compreensão, ou seja da importância de saber o que se pretende e como alcançar o que nos propomos; de perseverança: o segredo não só de recomeçar sempre, mas persistir naquilo que almejamos alcançar; de comprometimento: exigência para que as flores se tornem frutos, pois só quando colocamos a alma naquilo que fazemos é que elas de fato tornam-se realidade; e, por fim liderança, meta para a qual caminhamos, pois somente contando com bons líderes é que a Igreja caminha e realizar a sua missão de evangelizar e usar de misericórdia.

Todos estes elementos da nossa reflexão e avaliação pastoral assumem um novo sentido se os impregnarmos daquelas atitudes que nascem e ao mesmo tempo despertam a misericórdia entre nós:

- a) **A escuta:** Hoje mais do que nunca as pessoas precisam de alguém que as escute, capaz de ouvi-las em profundidade para compreender seus anseios e penetrar os seus dramas. Graças à dedicação dos nossos sacerdotes, em muitas das nossas paróquias, é possível encontrar testemunhos de pessoas que recorrendo ao Sacramento da Penitência, reencontraram a alegria e a força necessária para recomeçar.
- b) **A acolhida:** Quando alguém que é rejeitado pela sua condição, pelas suas limitações, pelo seu passado, encontra alguém que lhe estenda a mão e lhe permita entrar e fazer parte da comunidade, a sua vida transforma. Podemos pensar aqui nos dependentes químicos, ou naqueles que passaram pelo presídio quando encontram um emprego, ou ao retornar para os seus lares encontram o calor humano da família, sabe o que significa ser novamente acolhido e amado.
- c) **O serviço:** A Igreja que veste o avental para servir torna-se reflexo vivo de Cristo que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos”. Servidora, a Igreja abandona a autoreferencialidade e abraça o Evangelho aprendendo com Jesus que a verdadeira felicidade consiste mais em amar que ser amado.
- d) **A compaixão:** Com a misericórdia-compaixão podemos, a cada dia, escrever uma nova página do Evangelho; não com tinta, mas com o amor que aprendemos a receber de Deus e dispensá-lo aos irmãos e irmãs.
- e) **O perdão:** Não são poucas as feridas existentes em nossas vidas e em nossas comunidades, que se mantêm abertas, por falta de perdão. Perdoar num tempo marcado pela vingança e pelo ódio será um dos gestos mais eloquentes sobre a misericórdia de Deus presentes entre nós.
- f) **A missão:** Não se trata apenas de viver em saída, mas a procura, em busca de quem se perdera, ou está ferido, para ajudá-lo a reencontrar a esperança e o caminho para a casa do Pai que não rejeita ninguém, mas tem sempre os braços para acolherem os filhos que se distanciam e não tem que lhes indique o caminho.

“Às vezes custa-nos muito dar lugar, na pastoral, ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de frustrar o Evangelho. É verdade, por exemplo, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus.” (Amoris Laetitia, n.311)

## 6. Ações concretas

Também no que diz respeito à misericórdia é preciso ser criativo e ousado! Se no nosso tempo as “periferias existenciais” são bastante diversificadas e, os dramas que afligem as pessoas e ameaçam a sua dignidade se estendem desde o útero materno até a vida que se apaga, as respostas também precisam ser sempre novas e criativas.

Para a celebração do Ano Santo da Misericórdia foi constituída em nossa diocese uma Comissão de trabalho que, por sua vez, preparou diversas atividades para todo o ano, a partir das sugestões do clero.

No Calendário Diocesano do Ano da Misericórdia encontramos o elenco de iniciativas que deverão acontecer durante todo esse ano, tanto em nível paroquial quanto diocesano. Assumir estas ações conjuntamente faz com que as ações realizadas produzam um efeito sempre maior, envolvendo um grande número de fiéis, facilitando assim a compreensão da mensagem que o Jubileu nos traz.

Mas, como disse acima, o objetivo desta 2ª Carta Pastoral é desencadear um processo de conversão pastoral, que não se limita ao Jubileu, mas deve se prolongar, a partir da experiência da misericórdia, tendo como pano de fundo a ação misericordiosa de Jesus e a revelação que ele nos faz do Pai sempre tão rico de perdão e de generosidade!

Chamo a atenção para alguns âmbitos da nossa realidade, onde nossa ação deverá ser mais forte, impulsionados pelo amor misericordioso do Pai revelado por seu Filho e infundido em nós pelo Espírito Santo:

1. Em primeiro lugar, destaca-se como um âmbito de primeira importância a necessidade de organizarmos em nossa diocese uma **ação pastoral de cunho social vigorosa**, que integre as diversas entidades e pastorais, que tem como objeto da sua ação a transformação da realidade social e, ao mesmo tempo, a defesa da dignidade da pessoa humana. Não podemos ficar alheios a realidade que vivem nossos jovens, nossas famílias; nem desconhecer as dificuldades e ao mesmo tempo o bonito trabalho realizado pelas entidades sociais da nossa diocese. Mas, ao contrário, precisamos valorizar e promover estas ações, pois elas são a expressão organizada da caridade da Igreja e do compromisso dela com a realidade onde estamos. Uma proposta que penso poder ser importante é a de organizar a Caritas na nossa diocese, que permite integrar, formar, e estimular a ação das pastorais sociais e entidades afins.
2. Em segundo lugar, destaca-se também como lugar de grande importância a **família**. A publicação recente do *Motu Proprio "Mitis Iudex Dominus Iesus"* sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração da nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico e, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *"Amoris Laetitia"* (A alegria do Amor) nos ajudam a olhar para todas as famílias com aquele olhar cheio de ternura com que Cristo a contempla. Será expressão de misericórdia da parte da Igreja acompanhar e procurar discernir com os casais em situação "irregular" a maneira de integrá-los na vida das comunidades, a fim de ajudá-los a cicatrizar as feridas criadas no decorrer da separação do antigo cônjuge, e orientá-los diante da possibilidade da declaração da nulidade do matrimônio.
3. Em terceiro lugar, penso que não deve ser de menor valor o esforço durante este ano por alcançar com nossa **ação missionária** aqueles espaços onde o sofrimento das pessoas está mais exposto, exigindo um cuidado e uma atenção especiais. Penso no caso dos hospitais, nas casas

de idosos, nas creches, nos centros de terapia e cuidados especiais, nas UTIs, nas casas de recuperação de dependentes químicos, nas casas abrigo que acolhem crianças e adolescentes, nos conselhos municipais, conselhos tutelares da criança e do adolescente, nas casas de apoio aos doentes do câncer e seus familiares como é o caso da Casa Madre Paulina em Barretos.

## **7. Conclusão**

Nesta solenidade do Sagrado Coração de Jesus, quando toda a Igreja venera o coração do nosso Salvador, símbolo do seu amor infinito que o leva a amar-nos a ponto de dar sua vida para nós, desejo que esta minha 2ª Carta Pastoral, que tem como título “Misericordiosos como o Pai”, se difunda por toda a diocese como um apelo à conversão pastoral que passa necessariamente pela misericórdia.

A experiência que fazemos do amor visceral de Deus que se debruça sobre nós, quando caímos ou nos perdemos, atraindo-nos sempre, é o que nos permite abrir o coração aos irmãos e irmãs, sobretudo os mais vulneráveis para oferecer-lhes o dom do perdão e a graça da reconciliação.

“Não podemos esquecer que ‘a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para entender quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco’.” (LA 310).

Deixemo-nos contagiar pela misericórdia de Deus e permitamos que por nosso intermédio ela alcance os que necessitam de nós.

Que a Mãe da Misericórdia volte para nós o seu olhar e atraindo-nos para o Coração do Seu Filho, nos torne como Igreja testemunhas da Misericórdia do Pai!

Em Barretos, aos 03 de junho de 2016, solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

**Dom Milton Kenan Júnior**

**Bispo de Barretos**